

NARRO LOGO EXISTO: ALTERIDADE E IDENTIDADE NAS NARRATIVAS DO FALCÃO

Carlos Alberto de Negreiro¹ (UEPB/PPGLI)

Resumo:

A narrativa institui subjetividades, quando se conta “sua” história passa-se a existir, ou seja, eu existo a partir do prisma em que me “conto”, em que me narro. O escopo desse trabalho busca analisar a forma como a narrativa institui os sujeitos, inseridos num processo de alteridade, constituindo suas identidades a partir da experiência do narrar. As narrativas de “Falcão: meninos do tráfico”, em suas versões de documentário e de livro, encobrem tanto a forma de relato quanto a de testemunho, embora o que marque seja a narrativa que faz com os envolvidos nesta passam a existir. Ocorre um processo de tradução do vídeo para o livro, tanto um como o outro tentam atingir a ideia de “exposição de fatos”, nosso estudo intenta analisar os processos que se relacionam nesse sentido de tradução, convergindo para composição das subjetividades dos sujeitos que se narram.

Palavras-chave: Alteridade, identidade, narrativa, tradução.

Periferia é periferia. /Periferia é periferia. (que horas são? Não precisa responder...) /"Milhares de casas amontoadas" /Periferia é periferia. /"Vacilou, ficou pequeno. Pode acreditar" /Periferia é periferia. /"Em qualquer lugar. Gente pobre" /Periferia é periferia. /"Vários botecos abertos. Várias escolas vazias." / Periferia é periferia. / "E a maioria por aqui se parece comigo" /Periferia é periferia. /"Mães chorando. Irmãos se matando. Até quando?" /Periferia é periferia. /"Em qualquer lugar. É gente pobre." /Periferia é periferia. /"Aqui, meu irmão, é cada um por si" /Periferia é periferia. /"Molecada sem futuro eu já consigo ver" /Periferia é periferia. /"Aliados, drogados, então..." /Periferia é periferia. "Deixe o cack de lado, escute o meu recado."

Racionais MC's

"Nossa linguagem é a sua linguagem.

Nossa fé é a sua fé.

Nosso sonho é o sonho é o seu sonho.

Nossa luta é a sua luta".

MV Bill e Celso Athayde

"(...) temos muitas coisas em excesso nos dias de hoje. A única coisa que não temos suficiente é tempo, (...) e ter tudo em excesso significa que nada temos. A atual superabundância de imagens significa, basicamente, que somos incapazes de prestar atenção. Somos incapazes de nos emocionarmos com as imagens. Atualmente, as histórias têm de ser extraordinárias para nos comoverem, porque as histórias simples... não conseguimos mais vê-las."

Win Wenders

1 Introdução

Texto que se abre. Há uma fenda de realismo. A produção poética da periferia vem a cultura marginal carregada da simbólico legado da cultura so Atlântico Negro, a voz que se faz, torna-se a rua, símbolo da forma de ex(res)istência como podemos ver na letra DE

Emicida (e faz assim como diz um outro rapper, de Ceilândia/DF, o “X” – “Toda letra dá uma história”),

Holofotes fortes, purpurina
O sorriso dessas mina só me lembra cocaína
Em cinco abrem-se as cortinas
Estáticas retinas brilham, garoa fina
Que fita
Meus poema me trouxe
onde eles não habita
A fama irrita, grana dita, cê desacredita
Fantoques, pique Celso Pitta mente
Mortos tipo meu pai, nem eu me sinto presente
É rima que "cês qué"? Toma duas, três
Farta pra infartar cada um de vocês
Num abismo sem volta, de festa, ladainha
Minha alma afunda igual minha família em casa
Sozinha
Entre putas, como um cafetão, coisas que afetam
Sintonia
Como sonhei em tá aqui um dia
Crise, trampo, ideologia, pause
E é aqui, onde "nóis" entende a Amy Winehouse
(...)
Vagabundo, a trilha é um precipício, tenso, o melhor
Quero salvar o mundo
pois desisti da minha família e numa luta mais difícil
A frustração vai ser menor
Digno de dó, só o pó, vazio comum
que já é moda no século 21
Blacks com voz sagaz gravada
Contra vilões que sangram a quebrada
Só que raps por nóiz, por paz, mais nada
Me pôs nas gerais, numa cela trancada
Eu lembrei do Racionais, reflexão
Aí, os próprio preto num tá nem aí com isso, não
É um clichê romântico, triste
Vai perceber, vai ver, se matou e o paraíso não existe
Eu ainda sou o Emicida da Rinha
Lotei casas do sul ao norte
Mas esvaziei a minha
E vou por aí, Taleban
vendo os boy beber dois mês de salário da minha irmã
Hennessys, avelãs, camarins, fãs, globais
Mano, onde eles tavam há dez anos atrás
Showbiz como a regra diz, lek
A sociedade vende Jesus, por que não ia vender rap
O mundo vai se ocupar com seu cifrão
dizendo que a miséria é quem carecia de atenção (EMICIDA, 2013)

A perspectiva do relato simples, para que se abra os olhos. Do vídeo ao texto-livro, símbolo máximo da cultura letrada, ainda mais quando na periferia se imagina ou se presume “seres não-letrados”. Imagine então um poeta existir ou falar da/na periferia, como diz Mia Couto; sendo um poeta (pois a poesia é antimercadoria) do Rap Mv Bill diz saber exatamente o lado que se encontra e saber o peso do martelo que se encontra do lado periférico, pois nesse lado esse peso age há séculos históricos, assim reivindica o seu lugar e o lugar para os jovens que travestem de “Falcão” para a indústria e o funcionamento do tráfico nas favelas.

Acredita-se que a periferia pode dar futebolista, cantor, dançarino. Mas, poeta? No sentido que o poeta não produz só uma arte, mas pensamento. Isso acho que é o grande racismo, a grande maneira de excluir o outro. É dizer: o outro pode produzir o que quiser, até o bonito. Mas pensamento próprio, isso não. (COUTO, 2012).

1 NARRO NAS ASAS DO FALCÃO

O livro, homônimo a essa “função” no exercício do ilícito, “**Falcão: meninos do tráfico**” (MV BILL; ATHAYDE, 2010), se quer um relato, mas esse relato de tão assombro realismo e estado verdadeiro, passa a ser e ter um caráter político, em Jameson (1992), ele diz que se a História é um texto, o “referente” não existe, por isso vê-la como “causa ausente”, pois só podemos acessá-la sob “forma textual”, assim sua abordagem passa necessariamente por uma “textualização prévia”, sua transformação narrativa no “inconsciente político”.

Benjamim pondera “A vida é um devir na história e o devir da cultura”, todos somos contemporâneos, o Falcão tem sua história a ouvir pelo outro, que o instaura nesse momento de audição – está aqui um dos propósitos do projeto: de um vídeo-documentário para depois um livro, ambos se inter-relacionam, para que se mostrasse “sem cortes ou edições espetaculares, o lado humano destes jovens. Suas angústias, suas loucuras, seus sonhos, suas maldades, afabilidades e contradições.”. o livro, tanto quanto o documentário nem tem a pretensão de formar a opinião ou transformar em espetáculo noticioso a questão da situação dos jovens que operam parte do processo do tráfico de drogas, são literalmente os peões de um jogo bem mais amplo de força hegemônica num artil tenebroso do exercício de uma prática comercial que faz parte do lado obscuro da força do capital, em sua urgência do capitalismo.

A história desse jovens se quer fazer ver e ouvir, existir, os sujeitos passam a existir por sua narrativa, na sua formalização de oralização, constitui a “potência dos pobres” – a saber, oralização, um modo de produção simbólica das minorias, como uma forma de resistência contra as diversas e onipresentes formas de exclusão social, fenômeno de textos escritos em o histórico urge ressaltar o biopolítico (as formas de governar com meios disciplinares as populações), as intensas relações de poder com o vivido.

Eu vivia angustiado com as filmagens do *Falcão*, que inicialmente deveria se chamar *Falcão não Dorme*. O Celso parecia descrente de tudo que a gente fazia. Ele nunca deu o braço a torcer, nunca falou nada pra

mim, só que era visível. Se bem que ele nunca recuou, nos momentos em que eu mais precisei dele, ele tava lá, na moral. Qualquer desânimo poderia afetar os outros parceiros do trabalho e os próprios Falcões. Eu sabia da importância de todos do grupo. Eu queria mostrar que era vital continuar acreditando que a realidade que iríamos mostrar tinha solução. Do contrário o melhor seria jogar a toalha, comprar um barraco em Xerém, montar uma birosca, ser vizinho do Zeca Pagodinho eir deixando o tempo passar. Nunca fui palestrante, mas cada bate-papo que eu fazia nas escolas, nas posses de Hip Hop, ou em qualquer outro lugar era enriquecedor em muitos aspectos. Sobretudo por oxigenar o meu espírito e me fortalecer a crença de que esse mundo tem jeito. *Relato escrito por MV Bill. (MV BILL, 2010, p. 50)*

O histórico nesse mosaico textual, ora composto de relatos feitos pelos autores, ora composto de depoimentos parafrásticos e entrevistas com os Falcões e outros sujeitos desse mundo periférico (um “pesadelo periférico”, como diriam Os Racionais MC’s). Esse histórico é a contextualização com o social, como o vivido e acontecimento, apresentar a materialidade das coisas, e isso o texto intenta sugerir mostrando, mesmo que em fractais e pedaços, a realidade se compõe nessa “história”, pois é a relação com o modo de vida dos sujeitos. O texto diz.

Chegamos na cidade de ônibus e a grana, como sempre, tava curta. Pegamos as bagagens no cu do busão e fomos fazer nossa refeição matinal e articular o nosso dia. O cansaço já estava cansado da gente. Para nós, ele não era obstáculo, já fazia parte do nosso corpo. Como sempre, não sabíamos o que queríamos ou o que deveríamos filmar. Nossa estratégia era ir e fosse o que Deus quisesse.

Fizemos alguns contatos sem muita dificuldade e chegamos até dois sujeitos. Eles eram os reis da merla da pequena cidade. Bem, essa palavra, “rei”, eu é que tô colocando na cabeça de vocês, nunca vi ninguém chamá-los assim. Mas como, pelo que vimos, eles eram os únicos a produzir e distribuir a droga, podemos pensar que eles eram os reis da área. *Relato escrito por MV Bill (2011. p.84)*

A potencia instaurada pela escrita, no livro, que se compõe de aspecto da oralização, dá o empuxo para a instauração do processo de subjetivação dos sujeitos que se presentificam pelos seus relatos, na plena forma narrativa. Como j[á] dissemos em um artigo anterior,

Discutir essas noções de subjetividades é uma premência a partir da leitura dessa obras, pois elas expressam as vozes de sujeitos que se fazem na escritura, ou melhor, ao escreverem se inscrevem, ao narrarem-se passam a existir – a escrita funcionaria como um dos elementos de visibilidade no mundo, o sujeito se faz sujeito, e não como uma coluna fixa ou rígida, mas sim como uma posição, uma implicação de uma ação no mundo, como se diria na linguagem do Hip Hop: um “sujeito-

homem”.

O conjunto de referências que o autor utilizou está lá no texto, esse conjunto constitui o universo intercambiante entre o ficcional e o real, pois aqui não há oposição entre eles. A autonomia do texto constrói o lugar do encontro: esse território de alteridades. (NEGREIRO, 2008)

A perspectiva da identidade narrativa mostra a tentativa de unir as “pontas dos fios” e instaurar o sujeito, nessa empreitada a narrativa do **Falcão**, emprega com toda a potência os parâmetros de uma cultura nascente e pulsante que é a produção simbólica da periferia, ou melhor dizendo a “potencia dos pobres”, que se dá pela oralização, como manifestação concreta para a textualização das formas marginais de cultura que abre espaço no meios hegemônicos da chamada “cultura letrada” do que, figurativamente, chamamos, da cultura branca, ou a do asfalto, a que se opõe diametralmente com a periferia.

Conclusão

Como apontado por Gilroy, os debates em torno da modernidade tem ignorado a música, no nosso caso aqui, o produto do Falcão e perpassado por música, MV Bill, o um dos autores do conjunto de relatos e produtor e realizador do documentário, também é músico, rapper, ligado ao Hip Hop, assim como o Emicida, faz de suas letras um artefato de poesia e música para existirem e fazerem outros existir, é a narrativa em seus híbridos formatos e suas interligações. O “Atlântico negro”, apontado pelo citado estudioso inglês, aborda as formas culturais negras, como diz ele, modernas e modernistas, pois são marcadamente híbridas e crioulas fogem do status de mercadoria do mecanismo de reificação das indústrias culturais de massa. Além de que como artistas têm sua própria consciência em relação a sua negritude e o papel da arte na mediação entre a criatividade individual e a social, configurado de uma prática artística autônoma. O artista toma conta do que faz e diz, como vemos, MV Bill, Emicida, X e aqueles para quem eles falam de de quem falam também, podem ser análogos ao que o crítico britânico teoriza.

Referências Bibliográficas

- 1] BENJAMIM, Walter. **Magia, técnica, arte, política**. Obras escolhidas, v.I. são Paulo: Brasiliense,
- 2] COUTO, Mia. In: **O País**, 2012. Disponível em: <<http://www.opais.co.mz/index.php/cultura/82-cultura/23002-impedir-a-periferia-de-ter-pensamento-proprio-e-forma-de-racismo.html>>. Acesso em: 01 dez 2012.
- 3] MV BILL; ATHAYDE, Celso. **Falcão: meninos do tráfico**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

- 4] EMICIDA. Hoje eu acordei. Letra/música. Disponível em:
<<http://letras.mus.br/emicida/hoje-cedo-part-pitty/>>. Acesso: 10 ago 2013.
- 5] GILROY, Paul. **O Atlântico negro**: modernidade e dupla consciência. Trad.Cid K. Moreira. Rio de Janeiro: Ed34, 2001.
- 6] JAMESON, Frederic. **O inconsciente político**: a narrativa como ato socialmente simbólico. Trad. Valter L. Siqueira. São Paulo: Ática, 1992.
- 7] NEGREIRO, Carlos Alberto de. A escrita-lugar como mediação das temporalidades e subjetividades em Cidade de Deus e Capão Pecado.in: **Anais XI Congresso Internacional da ABRALIC**, 13 a 17 julho de 2008, USP, São Paulo.
- 8] REVEL, Judith. **Foucault conceitos essenciais**. Trad.Carlos P. Filho. São Carlos: Claraluz, 2005.

i (Prof. Doutorando) E-mail: cal_negreiro@yahoo.com.br

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA (UEPB), PPGLI – Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade